

Exposição, performance e decomposição. Três passos para valorização de um espaço natural

Margarida Mata

Em 2010 o *Teatro O Bando*, cooperativa cultural dedicada à produção de espectáculos de teatro, instala a exposição *Ao Relento* no troço da Serra do Louro (Palmela) que faz parte do terreno da sua sede.

Apresentando Máquinas de Cena e figurinos, esta exposição ao ar livre, detém na sua definição conceptual o desígnio que as obras se decomponham num ritmo ditado pela Serra. As obras integrarão, assim, um ciclo natural que operará como impulsionador da sua decomposição, culminando com a fusão obras /espaço.

O Bando mudou-se para esta área rural em 1999 e desde logo iniciou uma campanha de *humanização* deste troço de Serra, construindo um caminho de madeira que une o edifício da sede ao topo da colina, este é pontuado por plataformas do mesmo material operando como palcos. Actuando como coluna vertebral deste terreno, o caminho está dotado de electricidade e água potável.

Com estas intervenções, que não pretenderam descaracterizar o espaço natural, o colectivo tornou-o usufruível dentro do seu campo de actuação artística, transformando-o numa sala de espectáculos ao ar livre.

Depois de vários anos a promoverem exposições temporárias, em diversas zonas do país, em 2010 é feita a exposição *Ao Relento*. Ao invés de inscreverem as suas obras num espaço convencional de exposição, estas são expostas ao ar livre, naquele que já se tornara um *território de teatro*.

Não desejando conservar as obras, congelando-as no seu aspecto original, é assumido o seu inexorável desaparecimento. Estas são instaladas nas plataformas pré-existentes que, simbolicamente mantêm a sua função de palcos, agora apresentando a performance da degradação das obras.

A Serra dita os ritmos da decomposição até ao ponto final deste ciclo, que culminará numa total fusão espaço/obra. A indistinção visual, impulsionada não apenas pela decomposição das obras mas também pelos seus materiais (madeira, ferro e têxtil) e pelo crescimento da vegetação, obriga a uma busca atenta por parte dos visitantes, que assim aliam a visita à exposição e à Serra, até ao ponto que tudo será a mesma matéria.

Durante este processo de degradação/ fusão as obras contemplarão vários aspectos, geradores de diversas leituras e interpretações. Para além da mutabilidade visual das obras, verificamos também o carácter de mutabilidade conceptual que subjaz a este projecto, passível de várias leituras ao longo do tempo, dentro de um contexto não apenas artístico mas também natural. Verificamos que este projecto para além de ser uma exposição/ instalação, contemplando o espaço natural como matéria-prima é também exemplo da acção de um colectivo criativo sobre a paisagem natural.

Nunca pretendendo urbanizar o espaço, e respeitando as suas características naturais, este é usado primeiramente como espaço de espectáculos e depois como galeria, onde as regras da paisagem natural e ciclos da natureza ditam os tempos e as possíveis interpretações sobre as obras expostas.